

A Construção do Sentido num Espaço Discursivo: Algumas Reflexões

Lélia Erbolato MELO
Universidade de São Paulo

Resumo: Neste trabalho, postulamos a idéia de que a construção do sentido no diálogo não pode ser vista como um fenômeno linear e unidimensional. Numa troca, circula um conjunto heterogêneo de significações, que são o fruto de uma construção conjunta. Podemos dizer, então, que a constituição do sentido no diálogo é localizável num espaço, espaço que não é nem homogêneo nem estático, espaço que é fundamentalmente dialógico.

Palavras-chave: construção do sentido; espaço discursivo.

Abstract: In this paper, we postulate that the construction of meaning cannot be seen as a linear and one-dimensional phenomenon. In an exchange, a heterogeneous set of signification is presented and it is the result of a conjoint construction. We can say, then, the creation of meaning in a dialogue is situated in a space, which is neither homogeneous nor static. This space is basically created in a dialogue.

Key words: construction of meaning; discourse's space.

Introdução

Se considerarmos, como ponto de partida, o discurso como lugar privilegiado da construção do sentido, isto significa que estamos admitindo que a construção discursiva não é puramente “monológica”, mas que ela se inscreve necessariamente num diálogo. Este dialogismo constitui, por assim dizer, a matéria-prima a partir da qual se constrói um discurso. A propósito, vale a pena retomar Bakhtin (1992, p. 316):

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente.

São precisamente estes reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal.

Prosseguindo nesta reflexão inicial, lembraria que este dialogismo constitutivo (ORVIG, 1999, p. 156) se manifesta de diversas maneiras na construção do discurso: ecos, respostas, retomadas diretas, reformulações, modulações, etc.

Assim, a construção do sentido no diálogo não pode ser vista como um fenômeno linear e unidimensional. Numa troca, circula um conjunto heterogêneo de significações, que são o fruto de uma construção conjunta. Podemos dizer, então, que a constituição do sentido no diálogo é localizável num espaço, espaço que não é nem homogêneo nem estático, espaço que é fundamentalmente dialógico.

Entendemos por *espaço discursivo* a rede de significações que se elabora durante a troca verbal e em relação à qual todo enunciado adquire sentido. Esta metáfora, que emprestamos de F. François (1979; 1984) e Orvig (1999, p. 158), inspira-se igualmente na idéia do *espaço interpretativo*, tal como a propõem B-N e R. Grunig (1985 apud ORVIG, idem), enquanto conjunto de lugares a partir dos quais se organiza o trabalho de interpretação.

Ou ainda, na idéia de espaço dialógico (retomando a metáfora de Bakhtin), para quem a *significação* não se situa nem nas palavras enquanto tais, nem em cada locutor isolado, ela

pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, [...] (ela) é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. (BAKHTIN, 1988, p. 132)

Concluindo, verificamos que diversos aspectos desta construção do sentido são evocados por autores cujas escolhas teóricas diferem sensivelmente. Apenas a título de curiosidade, lembramos ainda, com base em Orvig (1999, p. 159), a noção de *espaços mentais* (Fauconnier) que nos remete aos domínios semântico-cognitivos construídos no discurso, enquanto Charaudeau enfatiza a regulação

das interações falando de *espaço de estratégia*, “quadro que asseguraria uma intercompreensão mínima”; e, finalmente, Vion, que retoma o conceito de *espaço interativo*.

De acordo com F. François (1988, p. 18-19),

para que um discurso seja inteligível, ele deve comportar uma certa continuidade. Esta continuidade é raramente marcada no plano sintático, geralmente, porque os objetos dos quais se fala pertencem ao mesmo campo da experiência perceptiva e prática, ao mesmo campo do léxico.

A título de ilustração, selecionamos alguns exemplos coletados junto a crianças de cinco anos (M e F):

• **Exemplo 1** [Narrativa do que você fez no domingo]

1. CR: ó o o o menino tava na água e não conseguia ()
2. A: não conseguia o quê?
3. CR: magulá
4. A: não conseguia mergulhar:...e o que aconteceu?...
- **5. CR: afogou
6. CR: a mãe dele não viu
7. [A: ah:.....a mãe dele não viu quando ele caiu na água?]

• **Exemplo 2** [diante do pedido do adulto para que contasse alguma coisa que lhe deu medo]

1. CR: eu tava crescendo mais grande...quando eu era pequena...eu tava () e eu assisti Maria assisti Maria no bairro que a Soraia (já tá viva) e eu tenho medo...* a Camila (no pé) ela...quando o saco pegô o home saco...pegô ela () atropça...á u i aí ela saiu sozinha
[a narrativa do acontecimento principal poderia ser assim resumida “*a Camila saiu sozinha tropeçou e o homem do saco a pegou*”]

• **Exemplo 3** [Narrativa do que você fez no domingo]

- **1. H: e eu fui também eu quase que fui no foguete que anda assim e eu não queira ir que eu pedi fui no trem que ()

2. [A: *e onde fica essa montanha russa e esse trem?...não fica no Playcenter?*]

Continuando, para que um texto seja “interessante”, é preciso que apareça o inesperado: “inesperado das mudanças de posição dos interlocutores”:

- **Exemplo 4** [Narrativa do que você fez no domingo]
- 1. H: também eu fiz...eu vi uma...meu primo saiu da montanha espacial que ele não gostou sabe como ele *
quantos anos ele tem?

Neste exemplo, acontece uma interrupção momentânea da narração, do tema e do mundo discursivo. Da narração dos fatos, Henrique passa à interação verbal com seu interlocutor e lhe dirige uma pergunta:

[*sabe como ele* (o primo)]
[*quantos anos ele tem?*], ao mesmo tempo que ocorre a retomada do referente pela pro-forma pronominal anafórica “ele”.

É preciso que apareça também o inesperado das variações dos tipos de discurso:

- **Exemplo 5** [Narrativa do que você fez no domingo]
- 1. A: conta pra mim o que você fez no domingo
- 2. CR: eu tava lá na minha casa brincando com a minha irmã
- 3. A: ...do quê que vocês brincaram?
- 4. CR: de escolinha
- 5. A: vocês leram história pra boneca? que história foi?
- **6. CR: *ó ó ó menino tava na água e não conseguia magulá*

[assim quando a criança passa da situação “de faz-de-conta” para a situação “real”]:

**7. CR: que eu já fui na excursão que era água...aí a minha mãe não viu o homem me assalvô e eu não afoguei

E ainda: o “inesperado metalingüístico”, em que o sujeito **b** (= a criança) não fala diretamente do “real” (experimentado ou ficcional), mas do real através do discurso do outro”:

• **Exemplo 6** [Narrativa de “alguma coisa que lhe deu medo”]

1. A: ah mas faz de conta que tá entrando um tubarão aqui...que aqui tá cheio d’água

**2. PR: *num tô vendo água nenhuma*

A hipótese formulada é que mesmo nos diálogos mais banais, muda-se de mundo. E, na troca dialógica, o “real” não é nem a experiência atual, nem mesmo um projeto ou uma lembrança, mas *a mistura metadiscursiva* entre o que as coisas são e o que elas não são, e com o que se assemelham. Daí, muitas vezes, a impossibilidade de perceber um texto em si mesmo, independentemente de sua relação com “outros textos”. “A intertextualidade”, no sentido estrito, pode designar retomadas explícitas de um texto em outro. Aqui, diríamos que se trata da retomada do tema da “*montanha russa*” pelo mesmo sujeito (v. exemplos 3 e 4). E, talvez, pela própria atmosfera do prazer de (re)contar, ou de recorrer ao imaginário partilhado com a ciência-ficção, como observamos nos exemplos a seguir:

• **Exemplo 7** [Situação de narrativa do que você fez no domingo]

1. A: você estava no avião e viu o uniVERso?

2. H: eu vi o universo à noite que...tinha *um esqueleto* lá de () que não deixava e tinha *um esqueleto* também ()...aí eu aí o avião quase que o avião caiu ()

.....

.....

3. H: também eu fiz...eu vi uma.....meu primo saiu da montanha espacial que ele não gostou sabe como ele quantos anos ele tem?

4. A: não dez anos?...e por que ele não gostou da montanha espacial?

5. H: onde que eu fui tá...eu tava eu tava fazendo na *montanha russa* como... como tava começando chovê molhô todo meu cabelo e minha roupa

• **Exemplo 8** [Narrativa de “alguma coisa que lhe deu medo”]

1. A: ISSO...eu agora queria pedir pra você falar... sobre alguma coisa...que lhe deu MUIto medo...a você

2. H: o que deu muito medo é o elevador

3. A: de lá aonde esse elevador era de lá de lá aonde?

**4. H: de lá do do céu ele ia até lá onde até onde...até onde *Jesus tava falando ni Jesus* só que o meu pai fala assim eu não posso olhar quando abre a janela ele falô eu não posso olhar ele fechou ()

5. H: sabia que na *montanha russa* nem tenho medo...na *montanha russa* ()

Como fecho, selecionamos mais dois exemplos que ilustram bem a “mudança de mundo”, ou mistura metadiscursiva:

• **Exemplo 9** [Repetição de uma história que acabou de ser contada]. *No caso, “O passarinho Rafa”*

1. A: ah:::você vai olhando as figuras e vai contando a história

2. H: o Rafa...aí ele quebrou o braço...aí depois depois (avoou) de novo a menina gritou com o Rafa ele não queria ir...aí depois ele chorou por causa que tava com...com saudade da menina...aí depois ele ficou na árvore e e conversou com a menina e ele () gaiola aí uns dias ele ele (voltava)

• **Exemplo 10** [Repetição de uma história que acabou de ser contada]

1. CR: aí depois chegô () porque o Rafa não gostava...() gritava a a Julieta () aí depois tava na árvore () cabô...chorano *porque o meu ouvido doeu*

Se nos propusemos, ao longo desta exposição, a ver o espaço discursivo, tomando como referência M. Bakhtin, F. François e A. Salazar Orvig (entre outros), como um lugar de transgressão da linearidade da mensagem, foi também porque o funcionamento das significações em rede suspende, ao mesmo tempo, a dimensão temporal. Conforme Orvig (1999, p. 190-191), verificamos que

o espaço discursivo não corresponde a uma soma de estados mentais dissociados; existe uma realidade da prática comum do dizer, que não é nem regular nem homogênea; nela, misturam-se pontos de vista e graus de implicação diferentes.

Para Orvig et al. (s.d.), se a aquisição de linguagem se constitui *na e pela* interação é, essencialmente, porque esta interação consiste numa construção discursiva conjunta. Portanto, a significação não se desenvolve “em” [uma] criança solitária, na medida em que existe um diálogo corporal portador de sentido bem antes do diálogo lingüístico, quer se trate de atrair o olhar do outro pelo movimento, de agir junto, ou de aplicar a mesma ação a diferentes objetos, ou inversamente, de utilizar o mesmo objeto segundo diferentes práticas.

Dentro dessa linha de pensamento, somos levados, então, a pensar como J. Rey-Debove (1976 apud HAMBY, 1994, p. 87-88) que, da mesma maneira que se observa “um certo gosto pela palavra desconhecida (rara) entre as pessoas cultas, na aprendizagem de sua língua, a criança parece experimentar o mesmo prazer”. Em resumo, o papel dos *jogos lingüísticos* na descoberta dos mecanismos e recursos da língua é importante, se associado ao humor, sem dúvida, uma das virtudes pedagógicas mais eficazes em matéria de linguagem.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANÇOIS, F. Dialogue et monologue. **Cahiers de l'Association Française des CMPP**, n. 7, p. 15-21, 1988.

GRUNIG, B.-N.; GRUNIG, R. **La fuite du sens**. La construction du sens dans l'interlocution. Paris: Hatier, 1985.

HAMBY, J.-P. Les enfants et les mots: leurs explication, leurs commentaires, leurs expériences. FRANÇOIS, F. (Dir.). **Jeux de langage et dialogues à l'école maternelle**, n. 71, p. 121, 1994.

ORVIG, A. S. **Développement des capacités pragmatiques et discursives: Observations à partir de dialogues de jeunes enfants en crèche et en famille**. s.d. (mimeo.)

_____. **Les mouvements du discours**. Style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques. Paris: L'Harmattan, 1999.

REY-DEBOVE, J. **Le métalangage**. Paris: Le Robert: 9, 1976.